
II CONGRESSO ÉTNICO RACIAL DESCOLONIZAÇÃO EM TEMPOS DE RETROCESSO



PRECISAMOS FALAR (TAMBÉM) DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

**Ewerton Donis De Melo, Izadora Barbosa Maia, Leticia Ferreira Santos, Mirela
Alessandra Oliveira Lima.**

Universidade do Estado de Minas Gerais, Universidade do Estado de Minas Gerais, Universidade do Estado de Minas Gerais,
Universidade do Estado de Minas Gerais.

woody.melo06@gmail.com, izabarbosa27@gmail.com, leticiafsantoss1@gmail.com, mirela.lima3@gmail.com.

Resumo

O presente estudo visa compartilhar conhecimentos sobre as religiões afro-brasileiras, enfatizando o Candomblé, seu nascimento, influência no Brasil e a opressão presente na sociedade brasileira. A religião surgiu com a chegada dos escravos africanos que, proibidos de praticar sua fé, viram no sincretismo religioso uma forma de cultuar seus deuses, obedecendo seus senhores e exercendo o catolicismo (PRANDI, R. 1995-96). Nos dias atuais, termos como “macumba”(instrumento), “saravá” (saudação) e “exú” (orixá) são considerados, por grande parte da população como palavras a serem temidas, demonstrando que a opressão sob as religiões afro-brasileiras está presente na sociedade atual. Em conclusão, frisamos a importância do conhecimento afim da prática e da história do Candomblé por parte da população que se opõem a respeitar a diversidade, por possuírem um pensamento colonizador e eurocêntrico.

Palavras-chave: Candomblé, Religiões Africanas, Intolerância Religiosa.

1. Introdução

Este estudo teve como motivação o histórico familiar de seus membros, gerando interesse sobre o processo, contexto histórico do Candomblé e os preconceitos relacionados à todas as religiões afro-brasileiras. Foi realizado com base em revisões bibliográficas, com o intuito de analisar todo o processo de surgimento e transformação da religião até os dias atuais, relacionando-os com problemas sociais encontrados na sociedade a qual estamos inseridos, possibilitando a aquisição de conhecimento sócio-cultural e a compreensão de parte da opressão sofrida pelos afro-descendentes, em especial aqueles que colocam em prática sua religião, fazendo uso do artigo para a propagação de um maior conhecimento e compreensão do coletivo de tais formas de opressão e colaboração em diversas áreas acadêmicas.

II CONGRESSO ÉTNICO

RACIAL

DESCOLONIZAÇÃO EM TEMPOS DE RETROCESSO



Desenvolvimento

O nome Candomblé tem origem em uma dança exercida pelos escravos, denominada Candome:

[...] candome era o nome dado aos atabaques, pois os negros deportados do Brasil para Buenos Aires, como nos informa Bernardo Kordon, assim chamavam “al tamboril africano” e às danças executadas para regalo do tirano Rosas. (OLIVEIRA *apud* CARNEIRO, 1959)

A manifestação chegou ao Brasil na época da colonização, trazida da África pelos negros escravizados e comercializados principalmente na Bahia e no Pernambuco. Sua prática passou despercebida pelos senhores que a consideravam uma forma de diversão dos escravos, que estariam saudosos de seu país, resistindo no país através do sincretismo religioso com os santos católicos. O primeiro templo da religião foi fundado na Bahia em 1830 e, com a chegada de novas “levas” de escravos, o Candomblé foi criando suas raízes, atualmente dividindo-se em quatro diferentes grupos: Kêtu (povo nagô), Jêje (povo nagô, mas obedientes a outra cultura), Angolacongo (povo bantu, com características mais “abrasileiradas”) e de Caboclo (mais ligado a Umbanda).

No geral, a religião baseia-se no culto aos Orixás (deuses das quatro forças da natureza: terra, água, fogo e ar), forças energéticas que se manifestam através da incorporação, forma de contato dos Orixás com seus descendentes, na qual o escolhido para ser incorporado é denominado “elegum”. Cada ser humano possui dois Orixás – de cabeça, que faz seu filho revelar suas próprias características para o mundo através de sua personalidade e o ajuntó, sendo a face oculta da personalidade – e seus ritos proporcionam a religação do ser com sua entidade, tendo como exemplo a leitura de búzios (rito de contato ocular com os Orixás) e iniciações de filhos-de-santo, ritos estes que se manifestam nos terreiros, espaços divididos em parte urbana (onde se dá a dança) e sua parte virgem (árvores e uma fonte, equivalentes à floresta africana), que é considerada sagrada. Cada terreiro possui um chefe (Babalorixá ou Iylorixá) detentor do axé do terreiro (poder/força propulsora de todo o Universo, que se recebe, partilha-se e distribui-se através da prática ritual, com conceitos e elementos simbólicos servindo de veículo, permitindo que o Orixá venha e realize-se).

As religiões afro-brasileiras, para Roger Bastide (1971), se tornaram uma subcultura,

Ituiutaba – MG, de 22 a 24 de novembro de 2017

II CONGRESSO ÉTNICO

RACIAL

DESCOLONIZAÇÃO EM TEMPOS DE RETROCESSO



sendo possível encontrá-las em lutas de classes, no grande esforço de fugir das subordinações sociais e econômicas sofrida por eles. Estas sofreram grande influência ao chegarem no Brasil, onde a estrutura social e religiosa era voltada ao catolicismo, sendo marcada por uma série de dominações e opressões no período escravocrata brasileiro.

Com o Candomblé não foi diferente. Para o pesquisador Reginaldo Prandi (1996), o Candomblé teve sua constatação mais evidente após as últimas levas de negros oriundos de África que eram traficados para o Brasil com a finalidade de trabalhar nas cidades ocupações urbanas no Séc. XIX .

Hoje em dia, os terreiros de Candomblé são localizados em sua maioria nas periferias das cidades, tornando visível o contraste sociocultural e econômico construído historicamente em nosso país. Discussões sobre a discriminação do negro e suas heranças tem se tornado mais frequente, tornando mais evidente as características físicas e socio-culturais desse povo. A partir disso, atitudes que vão contra aos padrões e tabus estipulados pela sociedade começaram a surgir. Os discursos de incentivos a resistência tem mostrado que o respeito é obrigação de todos, no entanto, as religiões africanas ficam esquecidas nesse pequeno espaço de discussão. Termos como “macumba”(instrumento), “saravá” (saudação) são considerados, por grande parte da população, como “satanismos” a serem temidos, além de que durante o processo de sincretismo, o orixá Exú - extremamente fálico e sexualizado - quando visto por uma sociedade cristã que reprimia fortemente as conotações sexuais, foi associado ao demônio pelo espanto com suas características (PRANDI, 2001). Ainda considera-se que o trabalho realizado dentro de uma religião de origem africana é usado para causar mal estar à alguém. Então, o que poderia ser ferramenta para a quebra do preconceito - o conhecimento - também não tem espaço para expansão, já que existe uma certeza cega de que as práticas da religião são maléficas e que qualquer aproximação significaria estar envolvido com elas.

No Brasil, o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa é celebrado na data de 21 de janeiro, instituído pela lei nº 11.635, data de falecimento, causado pela intolerância religiosa, da Iyalorixá Mãe Gilda, do terreiro Axé Abassá de Ogum, na Bahia. Este não é um caso isolado, de acordo com a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), só em 2016 foram relatadas 64 denúncias de intolerância religiosa, em 2015, 61 casos e em 2014, 24. Além da Seppir, a Secretaria de Direitos Humanos, no Disque 100,

II CONGRESSO ÉTNICO

RACIAL



DESCOLONIZAÇÃO EM TEMPOS DE RETROCESSO

registrou 300 casos de intolerância religiosa, sendo 26,19% das vítimas adeptos do Candomblé e 25,79%, da Umbanda, o que deixa mais do que evidente que a prática desse preconceito contra as religiões de matriz africana, quase não abordado e discutido nas esferas sociais, só vem aumentando.

Conclusão

Por meio deste, vimos quão importante é o conhecimento sócio-cultural e antropológico do Candomblé, para a compreensão de que a associação desse culto religioso a magias feitas para o mal de alguém são fruto de uma construção histórica, nascida em uma sociedade antiga de mentalidade datada, mas que se mantém na sociedade atual por sua ignorância acerca do tema.

Referências

BASTIDE, Roger. O Protesto do Escravo e a Religião. In: _____. **As religiões africanas no Brasil**. 2ª Edição. Editora Pioneira, 1971. p. 133-140.

CURSO DE INTRODUÇÃO AO CANDOMBLÉ. Disponível em: <http://olorum.lendas.orixas.nom.br/classificados/ebooks/013_cursodeintroducaoocandombl e.pdf>. Acesso em: maio 2017 .

OLIVEIRA, Ilzver de Matos. A AFRICANIZAÇÃO DO DIREITO À LIBERDADE RELIGIOSA: RECONHECIMENTO JUDICIAL DAS RELIGIÕES DE ORIGEM AFRICANA E O NOVO PARADIGMA INTERPRETATIVO DA LIBERDADE DE CULTO E DE CRENÇA NO DIREITO BRASILEIRO. Disponível em:<<http://publicadireito.com.br/artigos/?cod=c8377ad2a50fb65d>>. Acesso em: maio 2017.

PORTAL BRASIL. Dia de combate à intolerância religiosa é celebrado neste sábado (21). Disponível em : <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2017/01/dia-de-combate-a-intolerancia-religios a-e-celebrado-a-intolerancia-religiosa-e-celebrado-neste-sabado-21>>. Acesso em: maio 2017.

PORTAL VERMELHO. A intolerância religiosa no Brasil em 2016. Disponível em : <<http://www.vermelho.org.br/noticia/291138-1>> Acesso em: maio 2017.

PRANDI, Reginaldo. As religiões negras do Brasil - Para uma sociologia dos cultos afro-brasileiros. **Revistausp**, São Paulo, dez/fez. 1995/1996. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28365>>. Acesso em: maio 2017.

II CONGRESSO ETNICO

RACIAL



DESCOLONIZAÇÃO EM TEMPOS DE RETROCESSO

PRANDI, Reginaldo. Exu, de mensageiro a diabo - Sincretismo católico e demonização do orixá Exu. **Revistausp**, São Paulo, n. 50, p 46-63, jun/ago. 2001. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/35275>>. Acesso em: agosto 2017.